



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

## A EPISTEMOLOGIA DAS ARTES LITERÁRIAS COMO MEIO DE INVESTIGAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

THE EPISTEMOLOGY OF LITERARY ARTS AS A MEANS OF SOCIO-HISTORICAL INVESTIGATION

Igor Fernando Xanthopulo Carmo<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17187757>

**Resumo:** O presente ensaio apresenta os princípios da epistemologia e a sua importância para os estudos sociais e históricos. As belas artes são detentoras de uma série de técnicas provenientes da atividade de investigação científica, que são utilizadas pelos artistas de uma época para promover ideologias que consideram necessárias ao seu contexto sociopolítico. Embora os estudos epistemológicos se vinculem com a racionalidade e o empirismo na filosofia, o fator tempo e as contingências da História sempre se mostraram grandes desafios para se atingir resultados efetivos nas ciências humanas e sociais. Porém, a atividade acadêmica deve sempre renovar o seu compromisso ético com a justiça, a equidade e o futuro do planeta e das novas gerações.

A segunda parte do ensaio apresenta, de forma mais pragmática, os recursos epistemológicos de um conjunto de obras artísticas destacadas no módulo de *Epistemologias do Conhecimento I*, ministrado em Moçambique (2020) pelo Prof. Dr. Lourenço do Rosário, no curso da primeira turma de doutoramento em Estudos do Desenvolvimento, no país africano. Os objetos em análise indicam que a arte, sendo uma ferramenta altamente subversiva e ideológica, pode adquirir um caráter científico capaz de ordenar a cultura do seu próprio período, com o intuito de transformar a realidade, visando a democratização do saber e do bem-estar coletivo. Notamos esse elo de engajamento entre a ciência e a arte nas produções de renomados cientistas, pintores e comunicadores, como Platão, Leonardo da Vinci, Antônio Vieira e José Saramago.

**Palavras-chave:** Belas Artes. Ciências Sociais. Epistemologia. História. Ideologia. Literatura.

**Abstract:** The paper presents the principles of the epistemology of knowledge and its importance for social and historical studies. The fine arts are the owners of a series of techniques derived from scientific research activity, which were used by artists of a time to promote ideologies that they considered necessary in their socio-political context. Although epistemological studies are linked to rationality and empiricism in philosophy, the time factor and the contingencies of History are major challenges to achieving effective results in the human and social sciences. However, academic activity must always renew its ethical commitment to justice, equity and the future of the planet and the new generations.

The second part of the article presents, in a more pragmatic way, the epistemological resources of a set of artistic works highlighted in the Epistemologies of Knowledge I module,

1 Doutor em Letras no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e doutorando em Estudos do Desenvolvimento, na Universidade Politécnica, em Moçambique. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4150003695120826>.



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

taught in Mozambique (2020) by Prof. Dr. Lourenço do Rosário, in the course of the first PhD class in Development Studies, in the African country. The objects under analysis indicate that art, being a highly subversive and ideological tool, can acquire a scientific character capable of ordering the culture of its own period, with the aim of transforming reality, aiming at the democratization of knowledge and collective well-being. We notice this link of engagement between science and art in the productions of renowned scientists, painters and communicators, such as Plato, Leonardo da Vinci, Antônio Vieira and José Saramago.

**Keywords:** Epistemology. Fine Arts. History. Ideology. Literature. Social Sciences.

\* \* \*

## INTRODUÇÃO

No nordeste brasileiro, diversos cultos de matriz africana, como o Catimbó, participam do cotidiano de milhares de pessoas. Elas ingerem infusões feitas a partir de troncos, folhas e raízes da Jurema Sagrada, uma árvore da família das Acácias, em seus ritos. Segundo os adeptos, a Jurema é um instrumento tecnológico para aceder à *ciência dos encantados*, na qual se pode obter conhecimento sobre as plantas, os fenômenos naturais e a transcendência. O primeiro registro documental de sua prática é do século XVIII<sup>2</sup> e aponta para uma tradição mais antiga, fundada numa metodologia de investigação do mundo natural através da razão e do imaginário, suscitado pelo consumo da planta. O campo linguístico das comunidades juremeiras interage com seres ideais e atemporais, *os encantados*, para buscar a verdade e o bem-estar coletivo, como uma instituição social ativa de estudos naturais. A *ciência dos encantados*, da costa brasileira, é um diminuto fragmento de um mosaico de linguagens e tecnologias da humanidade em busca do conhecimento de si e do seu entorno. Rara a comunidade que subestime a transmissão dos saberes do seu passado aos mais jovens. Valores remotos, acordados na sua prática, descansam nas suas histórias, símbolos e técnicas que visam a evolução espiritual das novas gerações. A arte linguística, musical e plástica oferece, ao humano e à sua sociedade, lições sobre evolução espiritual, funcionando como catalisadora, de alta potência, do passado para o futuro.

Ampliando o caso dos catimbós brasileiros para a contemporaneidade, estamos situados em um período de avanços inéditos engendrados pela Ciência clássica, que tem registrado

---

<sup>2</sup> Câmara Cascudo (1978) afirma a existência de proto-cerimônias do Catimbó conhecidas como “adjuntos da Jurema”. No Instituto Histórico do Rio Grande do Norte foram encontrados registros de tais reuniões já em 1758, em que o uso do cachimbo, do maracá e da farmacopeia têm permanecido até hoje. Também a cultura da Jurema Sagrada é pano de fundo do romance *Iracema* (1865), do escritor romântico brasileiro José de Alencar e integra o imaginário da umbanda brasileira em diversas regiões do país.



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

seus procedimentos de hipótese e experimentação e pôde construir as bases das diversas facilidades tecnológicas atuais. É inegável a revolução cultural inerente à popularização da tecnologia digital e virtual da última década, e a sua influência exercida no plano psíquico e social dos indivíduos. Os maravilhosos legados das ciências exatas se devem a uma trajetória de tentativas, erros e correções, por meio de fórmulas e experimentos racionalizados pela matemática. Os cálculos das múltiplas áreas exatas estão contidos na engenharia moderna, que constrói máquinas vantajosas sobretudo para o poder econômico.

Por outro lado, as ciências humanas têm experimentado uma onda de descrédito de suas técnicas, métodos e teorias. Para alguns, a falta de consenso entre o corpo científico das humanidades incapacita subverter os equívocos do aparato político, já que seus inúmeros critérios em uso não hesitam em concorrer entre si. Devido às disputas internas, os acadêmicos das filosofias, das linguagens e das sociologias têm passado do ostracismo para a ojeriza no cenário político e na própria Academia.

Nesse ínterim, o bem-estar social não acompanhou os avanços da ciência tecnológica e a maior parte das sociedades atuais permanecem atrasadas em seu desenvolvimento técnico. Nem mesmo se universalizou o acesso a direitos humanos essenciais, elucidados na tradição filosófica desde os primórdios clássicos, como nas obras de Platão, na Grécia, ou de Confúcio, na China. Em nossos estados nacionais, a ordem política do dia prefere relegar os setores sociais da Governança nas mãos de administradores corporativos e economistas antes de aos cientistas sociais. A mensagem subentendida é que os cientistas sociais não estão tão aptos a remendar os problemas da sociedade como os especialistas da economia e gestão de mercado, com suas infundáveis fórmulas e experimentos técnicos lucrativos. Nessa perspectiva, a prática da ciência parece ter se emancipado de seu ventre original, a filosofia. Sem o parâmetro ético de tal ciência, permite-se defender a política de precarização de direitos dos cidadãos e trabalhadores, criando uma barreira no acesso a bens materiais e culturais à maioria da população, que pouco tem meios para fruir e participar das manifestações de arte no duro cotidiano.

Diante desse impasse, é possível observar o estado atual da questão científica e, através de um método racional, contribuir para a evolução de uma determinada realidade, com hipóteses edificadas pelo raciocínio filosófico. Podemos desvendar o nosso próprio tempo, de forma mais adequada, se dispomos de métodos para observar a produção intelectual do passado. As obras de arte, nesse sentido, são engenhos linguísticos e técnicos potentes para transmitir uma



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

mensagem ideológica travestida de seu contexto cultural e de fatores psicológicos. Artefatos de épocas diferentes podem se interessar por temas comuns, que indica, senão a universalidade na ciência humana, pelo menos, uma certa “globalidade”.

Assim o presente ensaio nasce da busca por compreender as fronteiras entre as Artes e as Ciências, visando a pesquisa acadêmica de viés cultural, social e histórico. Estes escritos são fruto direto do curso *Epistemologias do Conhecimento I*, ministrado no doutoramento em Estudos do Desenvolvimento da Universidade Politécnica de Moçambique, pelo Prof. Dr. Lourenço do Rosário. O docente enveredou as aulas a uma série de produções artísticas que, através do uso do conhecimento racional e científico, sintetizaram, ordenaram ou sistematizaram a cultura de seu período histórico.

O recorte das obras selecionadas durante as aulas é a produção cultural hegemônica de épocas diversas e sua influência na África, América e Europa. Os debates, ao longo do curso, foram suscitados por modelos epistemológicos de romances, poemas, pinturas, filmes, sermões, ensaios, diálogos filosóficos, etc., salientando a filosofia e a prática do conhecimento. Cada participante do curso apresentou, por meio de seminários<sup>3</sup>, aspectos pertinentes de uma obra artística, seguidos de uma arguição dialógica de um segundo participante. O método de investigação da obra apresentada também se realizou através do cruzamento dos textos literários com filmes de longa-metragem, citados na bibliografia.

Desse modo, o presente ensaio é delineado na forma de relatório sobre os textos artísticos em destaque durante as aulas sobre as *Epistemologias do Conhecimento* na universidade moçambicana. Organizamos, a seguir, o conteúdo do curso numa apresentação panorâmica dedicada a reflexões teóricas, que consideram o viés filosófico dos estudos epistemológicos, referenciando-se em autores como Gaston Bachelard e Mario Bunge. Em sequência, o texto destaca o aspecto temporal na investigação científica e sua intrínseca relação com os estudos sociais, que identificam a ação humana na transcorrência do tempo. Na terceira parte teórica, salienta-se de que modo as artes, como produção de conhecimento, interpretam as variantes e os impasses de seu tempo, visando novas transformações em prol da justiça social. Já na última parte do presente artigo, estão em relevo diversos instrumentos técnicos e científicos utilizados por vários artistas ao correr dos séculos, como a cultura popular, a mitologia, a escrita, a historiografia, o desenho, a pintura, entre outros, para sistematizar os avanços científicos de seu tempo. É nesse sentido que o campo das belas-artes, sobretudo da literatura,

---

3 Seminários ocorridos de 25 de maio a 02 de junho de 2020.



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

indica um meio frutífero para a análise do pensamento e da experiência social que pode ser utilizado pelo investigador científico como um recurso para se apontar alternativas para a construção do bem-estar social.

## 1. EPISTEMOLOGIA: CIÊNCIA E SOCIEDADE

Não há dúvidas de que a metodologia científica colaborou decisivamente para o desenvolvimento técnico da humanidade nas mais diversificadas culturas ao redor do globo. Ela é acreditada como o farol da consciência, aquela que utiliza a razão para operar milagres como curar doenças desafiadoras, prever eventos climáticos e comunicar-se a longas distâncias. A ciência é a instituição de retaguarda considerada vanguardista, por excelência, possuindo métodos codificados milenarmente, mas da qual se espera o inusitado e a originalidade, transformando-a em uma instituição de valor mitológico. O que aproxima a ciência do mito é que há neles a busca, o movimento ao encontro de uma verdade considerada universal, baseada em suposições do passado que o futuro deve confirmar. Este aspecto metafísico da ciência a converte em um organismo vivo e não um acumulado de leis e fórmulas.

Por isso que, para alguns eruditos, o radical grego da palavra “conhecimento” (*gnosis*), tem a mesma origem da palavra “nascimento” (*gennisi*), como se de ambos derivasse um agente autônomo, com vontade própria. É o caso do francês Gastón Bachelard, na obra *Epistemologia* (1972), onde afirma que “o conhecimento científico é sempre a reforma da ilusão” (Bachelard, 2006, p. 17) e, portanto, seus dados e convenções são provisórios e devem contar com a sua mudança vindoura. Caso as novas descobertas sejam consideradas um progresso autêntico, exigirá da comunidade científica a “retificação de uma ilusão comum” (Ibidem, p. 125) e a sua “conversão” (Ibidem, p. 127). É nesse sentido que o filósofo austríaco Karl Popper, em *A Miséria do Historicismo* (1944), embora ofenda o marxismo como ideologia mística, defende que a ciência não é apenas um conjunto de métodos e dados sob experimentos, mas uma das maiores aventuras espirituais da Humanidade.<sup>4</sup>

No discurso *Cultura e Ciência*, proferido pelo médico brasileiro Carlos Chagas Filho, e publicado em 1989, afirma-se que as universidades devotam à Ciência o seu horizonte para

4 Trecho citado na versão digital em língua espanhola: “el aspecto más significativo de la ciencia es el de ser una de las aventuras espirituales más grandes que el hombre haya conocido, puede ser combinada con un reconocimiento de la importancia de los problemas prácticos y de los experimentos prácticos para el progreso de la ciencia, tanto aplicada como pura, porque la práctica tiene incalculable valor para la ciencia no sólo como estímulo, sino también como freno”.



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

construir a evolução social e humana nos seus respectivos Estados. Para a ideia de nação, portanto, a Ciência é imprescindível. A razão é a própria razão. A academia se legitima como detentora da Ciência: uma entidade do conhecimento vivo, teórico e prático, exercido pela razão. Esta é uma atividade mental identificada como Filosofia, que prega a prática do raciocínio, um conceito abstrato adquirido através de técnicas retóricas e práticas. A razão é resultado da somatória das interrogações humanas frente o mundo a que se depara. O material é processado pelo intelectual e vice e versa. Os números se encontram nos exemplos da natureza e ela pode ser abstraída pelos cálculos.

A linguagem é a matéria-prima do pensamento e, através dela, imaginou-se duas ciências originais: A *matemática* e a *filosofia*. Estas duas técnicas linguísticas são o berço da chamada Ciência. Aplicadas na observação do mundo concreto, a matemática e a filosofia se ramificam numa multiplicidade de novas ciências, com métodos específicos de análise racional. Esta composição cumulativa de ciências, transformadas em instituição, originou a Academia que, na maioria das nações, adota a função de transmitir a sua diacronia por meio de um sistema de ensino. À razão científica é devotado o rumo fidedigno à verdade. A Verdade do Classicismo. O ideal que revela o sentido no nosso espírito.

A ciência original binária da filosofia e da matemática dialogava com a ética e com a técnica, com o conceito e com o experimento. Através da aplicação observada de tais binários, verificavam-se as transformações, tendo nos resultados o objeto de um novo diálogo. A cada resultado, estávamos mais próximos da Verdade, o que o filósofo da antiguidade grega Platão considera, no sexto livro de *A República* (379 AEC), como o “bem maior”. Mas a Ciência não se limita aos últimos resultados e prossegue na sua jornada infundável, desviando-se dos enganos da linguagem, ao mesmo tempo que emprega uma postura de investigação criativa. A inovação será considerada fidedigna se for irrefutável pela Academia de algum período, presente ou posterior. Porém, o problema da empreitada científica é paradoxal, porque é a própria linguagem que, por sua natureza, aproxima-se demais da Poesia e distrai o cientista, desviando-o da precisão com o seu encantamento estético. Enfim, a linguagem aporta um sistema imaginário de conceitos, chamado *ideologia*, que pode desviar o leme na jornada à descoberta da verdade.

À luz da filosofia, a ideologia é intrínseca à linguagem, mas a causa da cilada que vitimou o cientista é que ele pertence a uma sociedade que inegavelmente transmite valores que interferem na sua análise. O método científico ambiciona integrar a sociedade na sua métrica



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

de números, fórmulas e conceitos, entretanto, quando se posiciona o sujeito humano no lugar de objeto científico, ele deve considerar um componente decisivo: o *tempo*. A Ciência buscou teorizar leis para o mundo natural, que resultaram na criação de um método de análise. Segundo o curso ministrado pelo físico argentino Mário Bunge e transformado no livro *Epistemologia* (1977), o método é um “procedimento regular, explícito e repetível.” (Bunge, 1980, p. 34). Na linha histórico-científica, Francis Bacon (1561-1626) acreditava que os resultados seriam fruto de um método indutivo, a partir de um procedimento de análise. Já René Descartes (1596-1650) defendia a existência de princípios supremos acima da experiência e, para abstraí-los, utilizava o método da análise e da indução. Gottfried Leibniz (1646-1716) também acreditava em princípios fundamentais sendo necessário primeiro encontrá-los, para depois agregar o método da inventividade. Mas o principal expoente para os modelos metodológicos herdados pela Ciência atual foi Galileu Galilei (1564-1642), que emendava a necessidade de uma hipótese ser comprovada por um experimento.

## 2. A OBSERVAÇÃO DO “TEMPO” NAS CIÊNCIAS HUMANAS

De fato, os cientistas da Idade Moderna solidificaram a base do método científico, que persiste até a contemporaneidade a partir da experimentação de teorias, confirmação dos seus resultados, análise e correção, *ad infinitum*. Entretanto, ao colocar a sociedade e sua história no centro da observação científica, a precisão dos movimentos astronômicos, das leis naturais da física e a exatidão matemática perdem sua eficácia e validade, caindo esfaceladas por terra. Não é possível atribuir uma lei imutável a um mundo social cambiante e indomável, pois não é possível medir todo conjunto social numa régua metodológica única para conferir uma lei universal para as sociedades humanas por serem um organismo vivo, surpreendente e criativo. Daí o fator tempo se tornar crucial para a ciência social. Desde a antiguidade clássica de Heráclito (540AEC-470AEC), entende-se que a ação dos seres vivos é semelhante ao fogo, transformando decisivamente a matéria do presente. Na realidade, a historiografia, o registro dos fatos sociais do passado, tem apontado que o comportamento humano não espelha o comportamento da física natural, nem corresponde completamente aos padrões biológicos de outros seres.

Se por um lado, o tempo pode ser corrosivo às leis da chamada ciência universalista, por outro, ele expandiu as fronteiras da atividade científica e aprofundou a inquietação do cientista diante dos mistérios da criatividade humana. É possível dividir, nesse sentido, duas



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

metodologias: sem o fator tempo, originando uma lei integral, una e imutável; e com o fator tempo, resultando dela um princípio dinâmico, fragmentado e cambiante. A *grosso modo*, o tempo elucidado aqui é o da cronologia, passível de ser medido pelo número matemático, que engendra toda ciência histórica e as ciências sociais. A cronologia e a escrita são ferramentas que permitiram fazer da humanidade um experimento racional, sujeito a hipóteses e análises através de procedimentos análogos à observação da natureza física e biológica. Este é um fenômeno científico ímpar. De acordo com o filósofo francês Michel Foucault, em *As palavras e as Coisas* (1966), o fortalecimento dos estudos sociais, facilitado pela historiografia, capacita o homem a entrar “pela primeira vez, no campo do saber ocidental” (Foucault, 1991, p. 55) e, portanto, na sua modernidade.

Quanto mais abrangente a observação da história humana, tendo a arqueologia como sua aliada experimental, mais o cientista hesita em edificar regras essencialistas e incontestáveis para a sociedade. Através das linguagens adquiridas nas revoluções ilustradas e industriais, as teorias científicas sociais se orientaram pelo tempo e pelo espaço, anulando o clássico conceito de universalidade, oriundo das leis naturais e da aritmética. Assumiu-se, então, que situar o sujeito e a sua história como universal é uma imprecisão lexical frente à magnitude concreta do universo.

O peso da Historiografia edifica a Fenomenologia, corrente filosófica que se debruça na relação do sujeito e o seu contexto imediato. A sua evolução se identifica na teoria marxista e nos estudos materialistas, dedicadas em expor as relações diacrônicas nos modos de produção da burguesia e as consequências para a classe proletarizada de sua época. A teoria comunista é uma análise científica ocidental que teve ampla influência na produção acadêmica do século XX e foi utilizada, supostamente, como diretriz para políticas estatais de determinados países da Europa, Ásia, África e América. Entretanto, não se pode afirmar que os assumidos estados comunistas se submeteram plenamente aos princípios teóricos e aos processos metodológicos elucidados na produção científica do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) e da chamada sociologia de esquerda. Teoria considerada o antídoto de maior envergadura científica contra a desigualdade, violência e exclusão social, a antiga crítica científica aos sistemas políticos é que o materialismo histórico seja, repetidamente, descartado e atacado pela ideologia das elites econômicas.

Por outro lado, depositar, na atualidade, as esperanças de uma melhoria social apenas numa revolução e no fim de uma luta de classes seria um esforço ilusório e improvável para



certos acadêmicos das ciências sociais, como defendem especialistas dos estudos culturais ou mesmo dos estudos epistemológicos. Karl Popper, por exemplo, chama o valor exacerbado dado à via histórica, no campo científico, de *historicismo* e acredita que esta corrente exagera a importância das diferenças entre os períodos históricos. Segundo o filósofo, tal ênfase histórica desvalida o esforço da atividade investigativa em busca de resultados concretos. Para ele, o cientista social é capaz de formular novas teorias sociológicas importantes para todos os períodos sociais, mas a ciência não pode ousar expandir o alcance de sua investigação ao ponto de diluir sua tarefa de melhorar a realidade dos sistemas e das instituições. Deve desenvolver pesquisas que auxiliem no progresso social imediato, mesmo que de forma fragmentária, reformando os desvios da política, da economia e da cultura.

A seara desbravada por Karl Popper será também percorrida por intelectuais do século XX, de diferentes pontos de vista, valorizando, através da reflexão filosófica, o papel das especializações e suas técnicas. Pretende-se fazer uso de uma metodologia racional e experimental, reposicionando os fenômenos históricos como um dos instrumentos de investigação, mas não o único, a fim de, através dos padrões na História, estabelecer princípios que auxiliem a sociedade a prever e precaver os infortúnios do seu processo.

### 3. O CONHECIMENTO E A JUSTIÇA SOCIAL

Mario Bunge pergunta se ainda seremos capazes de analisar os avanços científicos do nosso tempo para anunciar a necessidade de outras revoluções científicas, pois continuamos a tratar problemas novos com ideias velhas<sup>5</sup>. Velha mesmo é a coroação do conhecimento no centro da linguagem humana. O Conhecimento está em mitos fundacionais como, por exemplo, no conto mítico de Moisés do livro de *Gênesis* (450AEC<sup>6</sup>). A árvore “do conhecimento do bem e do mal” representa a tentação pela sabedoria autônoma. A promessa da Serpente de um fruto que daria o “abrir dos olhos” e o “saber julgar como Deus”, pareceu para a Mulher mais animadora do que a própria imortalidade. Ela abriu mão de sua imortalidade para incorporar a razão, isto é, a capacidade de saber o bem e o mal, símbolo dialético do conhecimento. Esta narrativa, considerada sagrada pelas doutrinas abraâmicas,

---

5 Citação do autor: “¿seremos capaces de construir una epistemología capaz de analizar algunos de los avances científicos que han ocurrido en nuestro tiempo, e incluso de anunciar la necesidad de otras revoluciones en los campos de la investigación científica que siguen tratando problemas nuevos con ideas viejas?” (BUNGE, 1980, P. 28).

6 Data aproximada mais recorrente.



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

simboliza o mito da queda da humanidade pelo seu desejo de conhecimento<sup>7</sup>. Dois séculos depois do registro da Torá, em escrituras gregas, Platão registra *A República*, no qual o conhecimento não pode ser tocado, como uma fruta, mas inteligível, como o sol, por conta dos seus efeitos. O conhecimento se divide em sombra e luz, no qual a luz é a fonte eterna de conhecimento e a sombra, a sua simulação. O *filósofo*, amigo da sabedoria, deverá raciocinar por si mesmo sobre o mundo a fim de encontrar a verdade material e espiritual. Em ambas as escrituras citadas, a vida humana se vincula a uma dimensão inteligível mais positiva que a sua e, portanto, o conhecimento está mais expandido fora do mundo material.

A diferença da posição dos teólogos para a dos filósofos é que estes alegariam a sua ignorância e estariam sempre dispostos a hipóteses plausíveis. O filósofo socrático deseja encontrar a unidade equilibrada do conhecimento, integrando, pelo diálogo, polos e arestas para um senso de Justiça. O teólogo, como os sofistas desacreditados por Sócrates, não precisa se comprometer com a justiça social, no entanto, é esta que norteia o interesse dos dez livros da *República* de Platão. No plano das ideias inteligíveis, a política é o instrumento da justiça social. O filósofo, que construiu as bases da Ciência, adquiriu títulos e funções nos setores da sociedade moderna que indicam o seu papel ativo, como professores, artistas, inventores, comunicadores e outros que se identificam como *intelectuais*<sup>8</sup>. Na atualidade, a Academia seria uma comunidade de intelectuais, pois exerce o papel de transmitir conhecimento, mas nem todos os seus membros estão produzindo Ciência, segundo seus pressupostos originais.

A Epistemologia, a filosofia da ciência, é herdeira da Gnoseologia, a filosofia do conhecimento, estudo centrado na ontologia e absorção de saberes. O Círculo de Viena, fundado em 1927, foi um grupo de intelectuais que colocou em desenvolvimento, segundo Mario Bunge, o programa do filósofo e matemático britânico Bertrand Russell (1872-1970), de fazer uma filosofia mais geométrica e lógica.<sup>9</sup> A Epistemologia é o campo da filosofia que defende que sua produção deve ser compatível com a Ciência.<sup>10</sup> Obviamente, pode haver

7 Gênesis 3:5 e 6: “Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do Bem e do Mal. Quando a Mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obterem o discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também” (Bíblia Online).

8 Na obra *Representações do Intelectual* (1994), o filósofo palestino Edward Said aponta para duas classes de intelectuais. Uma está centrada no estudo da linguagem vertical, atividade de especialistas. A outra se refere à prática da linguagem horizontal, atividade dos transformadores sociais. Por vezes, as duas classes interagem entre si (pp 23, 24).

9 Cf. BUNGE, 1980, p.22.

10 Cf. BUNGE, 1980, p. 47.



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

dados e fatos impossíveis de conciliar na investigação, formando uma hipótese defeituosa. O que parece impossível causa métodos de resolução defeituosos. Porém, de acordo com Gaston Bachelard, “a impossibilidade sugere que o problema está mal posto” (Bachelard, 2006, p. 24) e há sempre o direito de se aperfeiçoar o método científico por meio de experimentos transcendentais.

Pelo viés epistemológico, a ciência não limita o mundo a doutrinas e alarga sempre sua zona de alcance e interesse. Para Bunge, nas ciências sociais, há poucas teorias e muitas doutrinas e opiniões. Existe uma notória resistência à teorização, devido à antiquada defesa que confunde teoria científica com especulação desenfreada<sup>11</sup>. Nesse sentido, o filósofo da Ciência defende que é possível construir novas teorias ou, ao menos, organizar melhor as já existentes. Bachelard acredita que a ideia é não esconder a sociedade da Ciência, pois “a fronteira científica é menos um limite que uma zona de pensamentos particularmente activos, um domínio de assimilação” (Bachelard, 2006, p. 25).

Neste caldeirão de culturas assimiladas, o cientista social pode buscar as potências políticas e linguísticas para enxergar e remediar as necessidades de sua sociedade. Administrada de forma ética, a ciência social tem condições de desenvolver, no campo da ideologia, um caminho epistemológico que parte da linguagem, passa pela filosofia e sociologia e termina na ideologia. Sobre este aspecto, Bunge esclarece que a ideologia pode se adequar à Ciência e à realidade de determinada área, se garantir a sua evolução através da participação e democracia integral de seus indivíduos.<sup>12</sup> A linguagem artística é ideológica, porque transporta para o seu objeto uma série de símbolos escolhidos de um conjunto cultural específico através de uma técnica. A escolha das imagens constrói uma perspectiva de mundo artificial (que pode ser revolucionária ou reacionária), conferindo-lhe aspectos tanto científicos como doutrinários.

#### **4. A EPISTEMOLOGIA NO ESTUDO DE OBRAS LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS**

---

11 Cf. BACHELARD, 2006, p. 171.

12 Texto do autor: “una ideología no es necesariamente ajena a la ciencia. En principio es concebible una ideología adecuada a las ciencias sociales y a la realidad social de una determinada área. Por ejemplo, una ideología que preconice medios viables para incrementar la participación popular en la producción económica y cultural, así como en la conducción política de una comunidad - o sea, que propicie la democracia integral-puede considerarse científica porque la sociología nos enseña que la participación múltiple (no sólo política) y constante (no esporádica) es la única garantía de cohesión social y, por lo tanto, de estabilidad tanto como de evolución”. (BUNGE, 2006, p. 155).



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

Os episódios da História são os objetos científicos do estudo social. Certamente há outros fatores concomitantes e cada investigação exige um cabedal metodológico próprio, orientado pelo objeto e pela hipótese de pesquisa. Mas será sempre necessário visitar a História para obter dados realísticos. Seria ainda melhor se o cientista social pudesse estabelecer análises sincrônicas de diversas culturas, diminuindo o peso da cultura burguesa. É possível, porém, dar atenção ao estado atual da questão científica e proceder com pesquisas que, através de um método racional, contribuam para a evolução de uma determinada realidade, com hipóteses edificadas pelo raciocínio filosófico.

Uma das ciências colocadas em destaque, no módulo em relevo, é a própria *escrita*, que seria a tecnologia mais importante para o avanço científico na História. A Torá compila através de pergaminhos, no provável século VI AEC, uma série de narrativas orais da Mesopotâmia, que influencia a religião de uma parcela significativa do mundo contemporâneo. A cultura escrita garantiu a conservação e a expansão da tradição hebraica nas teologias da posteridade. Analogamente, a técnica da escrita serviu para o registro dos diálogos platônicos: uma decisão artística que significou a manutenção do método socrático, que desenvolveu a filosofia clássica e moderna ao longo dos milênios. A escrita significou, neste caso, a conservação do conhecimento científico. Na atualidade, ainda é tema filosófico, como no romance *Terra Sonâmbula* (1992), do moçambicano Mia Couto. No viés da obra, a necessidade de registrar a “história dos derrotados” da geopolítica pós-moderna é uma urgência científica. É necessário conhecer o código escrito, abrir os “cadernos de Kindzu”, honrar os seus sonhos e projetos, a fim de continuar a sua missão libertadora. Nesta conjuntura, a defesa da escrita é uma atitude política num cenário cultural cuja oralidade é dominante.

Certos objetos na literatura também integram valores culturais em si. O valor da escrita é simbolizado, muitas vezes, pelo *manuscrito*, que representa a antiguidade de sua técnica e de sua mensagem, indicando um conhecimento que exige um trato científico especializado, a fim de decifrar fórmulas e códigos de culturas remotas e díspares. Na narrativa ficcional, o manuscrito pode legitimar ou subverter os valores culturais hegemônicos. Por exemplo, na obra *Viagem ao Centro da Terra* (1864), o geólogo Otto Lidenbrock usa a filologia para decifrar um antigo documento islandês, que o levará a uma expedição ao centro do globo terrestre. Esta ficção exulta os avanços tecnológicos da mineração do século XIX, tão necessária à indústria mecânica, e, por isso, os fatos do enredo



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

colaboram para o êxito do protagonista. Já em *Cem Anos de Solidão* (1967), do colombiano Gabriel Garcia Marques, o cigano Melquíades insere, na vida de uma pequena cidade, pergaminhos com escritura sânscrita, que só serão decifrados após seis gerações da família Buendía. O conhecimento dos pergaminhos é obsoleto à vida social de Macondo e a conclusão de seu trabalho de investigação corresponde ao desaparecimento da cidade. O documento escrito é, forçosamente, uma perspectiva epistemológica de uma dada época, na qual se percebe o encanto ou desencanto humano diante dos valores, fatos e tecnologias vigentes. Como salientado, o avanço da ciência experimental especializou os métodos e as técnicas da engenharia, que, por sua vez, criou uma nova cultura científica na modernidade, que interage o homem e o mundo que criou.

As máquinas são os frutos do trabalho da ciência e está à disposição do Homem, que ora a submete aos seus interesses, ora se vê submetido por sua brutalidade. O Homem, por sua vez, descobre em si a potência da criação de objetos através da *Geometria* e da Matemática. É o caso do desenho inspirado no arquiteto romano Vitrúvio, *O Homem Vitruviano* (1490), do renascentista Leonardo da Vinci, no qual o humano é objeto de análise geométrica, aproximando-o a um projeto mecânico. O Homem ocupa o centro dos interesses artísticos e científicos na obra, que sugere a intenção de transferir o centro do debate filosófico da metafísica divina para a materialidade humana. Este enfoque ideológico participa do projeto de Leonardo da Vinci que transmite uma mensagem correlata na sua pintura em tinta-óleo *Gioconda* (1503), na qual o retrato de uma mulher civil se destaca na tela. O aspecto religioso, tradicional na arte medieval, é omitido da representação. Porém, mais do que muitas obras religiosas das “belas artes”, a figura laica, objetiva e moderna de Mona Lisa ficou afamada por uma aura secreta, enigmática e, por fim, sagrada.

Outra obra do renascentista Leonardo da Vinci de relevo é o afresco da igreja italiana de Santa Maria, *A Última Ceia* (1498), na qual o antropocentrismo se legitima pelo ritual cristão da santa ceia. A disposição das personagens indica movimento e desencontro, não a comunhão espiritual proposta pela narrativa evangélica. Subverte-se o propósito da narrativa retratada, pois o cálice do pacto de sangue é retirado da cena. Embora o tema da obra seja caro ao cristianismo, as escolhas do artista resultam na profanação dos seus aspectos consagrados. Frente à mudança social e cultural do século XVI, o Renascimento e o Classicismo implantaram, pela herança religiosa, uma nova linguagem epistemológica. No soneto do português Luís Vaz de Camões (1524-1580), com o primeiro verso “Sete anos de



Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761

pastor Jacó servia”, a crônica do neto de Abraão é emulada, porém, o texto seleciona e revisa os aspectos originais do livro de Gênesis, capítulo XXIX. Para destacar a idealização do amor, conceito neoplatônico, próprio do pensamento filosófico de sua época, o poeta se sente livre para operar alterações na tradição que conhece e é também herdeiro.

A religião, a teologia e a linguagem litúrgica são produtivos campos epistemológicos do cientista social. O *universo religioso* tem profunda influência na sociedade e o investigador, bem como o artista, entende a necessidade de conhecer e atuar através de suas técnicas. O texto *Sia Vuma*, do moçambicano José Craveirinha (1922-2003), aproxima a sua forma poética a uma prece coletiva, uma canção profética, na qual se veicula a identidade cultural moçambicana, numa simbiose de verbos, topônimos e objetos oriundos das línguas bantas, somadas a instituições, máquinas e valores que apontam para a formação do Estado Nacional independente. A linguagem religiosa e erótica sacraliza o desejo da luta pela nova nação por meio de uma ideologia que preza a liberdade.

Ademais das relações sagradas, a arte pode subverter o mundo real através da ficcionalidade voluntária de *dados históricos*. O romance histórico, por exemplo, é uma hipótese do passado de essência contraditória: o viés analítico do narrador desmente a História através da própria mentira. Este processo pode revelar profunda crítica cultural e política, como é o caso do romance *Memorial do Convento* (1982) do português José Saramago, ambientado no século XVIII, período auge da extração do ouro brasileiro. Os problemas éticos da sociedade católica absolutista inferem paralelamente os problemas éticos do contexto pós-moderno. O artista captura figuras centrais da historiografia e as transforma em personagens animadas, já que conhece o futuro dos episódios históricos. Situação diversa à do francês Voltaire, na obra *Cândido* (1759), que faz uma crítica aguda ao sistema político e cultural de seu próprio tempo, mas que não poderá presenciar o fim do absolutismo francês na iminente revolução burguesa. A obra critica seu próprio tempo e, por isso, a ironia e a sátira parecem ter maior força ideológica do que se o iluminista adotasse uma perspectiva estritamente objetiva e analítica.

Por outro lado, o intelectual pode usar a historiografia para mitificar o passado e seus agentes. O escritor e historiador João Borges Coelho, no romance *O Olho de Hertzog* (2010), faz da história da primeira metade do século XX um tempo em que figuras da intelectualidade cultural solidificam valores da identidade nacional moçambicana, como é o caso do jornalista José Albasini. Além de corrente fonte de denúncias, a História, quando revisitada, amplia a



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

nossa interação com o tempo presente, sendo possível mapear o seu curso para o futuro. Mas em tese, os dados históricos, apenas, não valem para a ideologia científica, pois é na linguagem que está o segredo dos ficcionistas para provocar reflexão política e social. Nos romances citados, Saramago utiliza as narrativas da magia herética, Voltaire usa-se das alegorias de crítica social e Borges Coelho usa o mito da busca da pedra perdida, símbolo da espoliação imperialista.

A maior inventora de realidades, dentro das técnicas da linguagem, é a *poesia*, portanto, o polo oposto da ciência. Na obra *Lágrima de Preta*, do cientista português António Gedeão (1906-1997), o eu lírico assume um discurso objeto, capaz de investigar apenas os fenômenos naturais, mas sinaliza, ao mesmo tempo, sua postura de omissão diante do real sofrimento humano. Em movimento oposto, no *Sermão de Santo António aos Peixes* (1682), o teólogo português António Vieira utiliza a *ciência natural* para descrever e analisar os animais aquáticos e seu *habitat* a partir da sua anatomia, fisiologia e ecologia, mas que, na realidade, são alegorias do sistema social vigente, que explicitam as relações de poder corruptas nas instituições de sua época. Os gêneros da linguagem são ferramentas técnicas quando o cientista os gerencia, a fim de obter resultados mais verdadeiros do que antes de sua obra e, nesse sentido, vale acrescentar que a oralidade não significa qualquer ausência de domínio científico, como fica explícito nos gêneros do discurso, como o sermão ou o diálogo.

As forças econômicas e sociais de um período específico indicam um estado inédito da evolução social, mas os desafios dele podem ser ultrapassados por meio de hipóteses intelectuais amiúde baseadas em conceitos elementares da filosofia clássica. Platão denunciava o apego à riqueza e ao poder como uma doença para a sociedade. O sermão de António Vieira também explicita a violência sistemática contra os mais fracos, bem como o oportunismo inerente ao exercício do poder, que não difere da crítica levantada por Voltaire, no período iluminista. Nesse cenário de monarquias, o inglês Tomas Morus edifica a obra de ciência social mais significativa para o imaginário ocidental moderno, descrevendo um país paradisíaco chamado *Utopia* (1516). A ciência filosófica e tecnológica norteia a vida dos utopianos e regula uma administração justa e igualitária para seus membros. Todos os cidadãos livres trabalham alternadamente na agricultura, aprimoram técnicas de trabalho e habilidades artísticas. Isto não significa a liberdade para todos, pois, no país ideal, há escravos que realizam as atividades consideradas mais penosas, como a matança dos animais. “Selvagens” estrangeiros, *os zapoletas*, são isentos de afeto profundo e podem até matar-se



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

entre si. Por isso, como estratégia geopolítica, eles são contratados, através do dinheiro, com o “nobre” intuito de proteger a Utopia, onde não é necessário qualquer dinheiro e o ouro é considerado material para crianças.

Já a obra do escritor francês Júlio Verne, *A Volta ao Mundo em 80 Dias* (1850), focaliza o seio da mais alta burguesia europeia. O metódico herói, Lorde Phileas Fogg, que gasta seus dias num importante clube de magnatas, decide apostar uma viagem em volta do globo terrestre. Ela é concluída, por meio de trens e navios, através dos territórios submetidos ao Império Britânico ou com vínculos históricos, como os Estados Unidos. Na trama, o mundo à parte da influência britânica é selvagem e incivilizado, escravizado pela superstição e pela irracionalidade. Por isso, parece lógico que o mundo se vergue à engenharia inglesa e à sua cultura avançada pela ciência. Assim, de fato, a política econômica inglesa intensifica seus esforços nesse sentido na virada do século. Estas duas narrativas indicam que os avanços da ciência, inclusive do âmbito filosófico, tendem a abrir seus limites para o conhecimento de outras fontes culturais e sociais, porém os procedimentos são insuficientes ou impotentes para apreender o conhecimento alheio no seu campo de ação científico. As obras que, em tese, preconizariam o progresso social e a ética deixam de incorporar sujeitos-personagens importantes da sua interação com mundo, mantendo a relação “dominador x subordinado”, diante de realidades subjetivas que não constam na sua área de conhecimento, resultando inevitáveis preconceitos e julgamentos errôneos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fruição artística de uma leitura literária se conecta à personalidade individual do artista e do leitor e, portanto, é uma ferramenta ideológica. No caso da Ciência, tal ferramenta também seria importante, se estivesse em condições mais globais e atentas à ética filosófica, cuja tradição clássica afirma que a igualdade deve reger a sociedade para se conceber a Justiça. António Vieira (1608-1697), por exemplo, hábil filósofo científico, em *Sermão de Santo António aos Peixes* observa a regra natural de que, “entre os peixes, os maiores comiam os menores” apontando nisto o ato mais abominável na natureza. A partir deste dado científico, um biólogo e sociólogo poderia concluir ser naturalmente possível praticar a antropofagia, recorrente em determinados povos da costa brasileira, expandindo a sua visão científica através da alegoria de Vieira. Entretanto, as relações observadas na natureza servem



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

para descortinar a razão filosófica nas relações sociais, através da retórica. Ele desloca a figura de linguagem em direção ao cotidiano das instituições sociais de sua época:

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos (Vieira, 1682).

Como comunicador social, a estética linguística é o veículo de Vieira para conceituar e aplicar a justiça, salientando a praticidade da filosofia clássica e a moldando de forma pedagógica. Vieira não é apenas um pregador, ou um naturalista, mas um produtor de conhecimento ideológico-científico.

A ciência não pode desistir de ancorar métodos e teorias que visem a transformação do planeta, mas é importante que expanda seus horizontes por meio de novas naturezas de pesquisa, através do seu sincero desconhecimento dos fatores integrais de uma realidade social. A atualidade presencia tentativas de o fazer como a do historiador israelense Yuval Harari, que na obra *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade* (2014), estabeleceu um estudo, por métodos de hipóteses científicas, que interage a arqueologia, a química, a engenharia genética, a física atômica e outras ciências exatas. Entretanto, como exemplificado nas obras de séculos anteriores, demarcar parâmetros justos, guiados pela razão e a ética exclusivas da cultura dominante, retira de cena dados imprescindíveis para soluções verdadeiramente científicas.

A Utopia, país considerado perfeito por Tomas Morus, está sempre sedenta por novos saberes. Hoje em dia, talvez outras nações, povos e sistemas culturais também estejam sedentos por conhecer a Ciência convencional. Porém, os “muros” intransponíveis do conhecimento erigidos pelas potências econômicas se assemelham à biblioteca com portas trancadas do filme *O Nome da Rosa* (1986). A cristandade, como guardiã dos escritos clássicos, não edificou uma teoria social e cultural adequada para impedir a violência das instituições políticas contra o povo leigo em suas fronteiras europeias e em outras partes do mundo. Esta perspectiva míope da ação europeia, que impôs sua cultura e sua história aos povos americanos, asiáticos e africanos fica explícita na obra *A Missão* (1986). A pedagogia empregada para doutrinar os indígenas brasileiros pressupunha a humanização que, por sua

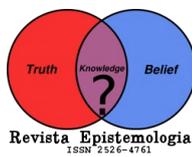


Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

vez, significava a assimilação cultural. Não se compartilhavam os aparatos filosóficos e tecnológicos para que pudessem construir novos métodos científicos próprios sistematizados em suas culturas, tão antigas quanto a europeia ou a clássica.

Para que a fase da liberdade de pensamento e de ação seja alcançada, é imprescindível desamarrar-se das ataduras ideológicas que limitam a criatividade humana. É na linguagem, na arte e na estética, que a emancipação de mulheres e homens se vislumbra através de sonhos despertos, mostrando as frestas de novas possibilidades. O moçambicano Francisco Noa, na obra de ensaios *Além do Túnel* (2020), afirma que “o possível é sempre mais amplo, mais desafiador e mais perturbador que o real, o que existe” (Noa, 2020, p. 148). Para o crítico, a arte literária, por diversas vezes, mostrou-se como uma rebelião em forma de discurso, questionando os pressupostos da economia e da política. Se este fator histórico e cultural se verifica no dia-a-dia do ocidente, como na produção neorrealista portuguesa e brasileira do século XX, quanto mais se verificará na arte narrativa africana, que tradicionalmente considera a linguagem como instrumento de transformação da realidade.

Mas, de fato, a generosidade desinteressada nunca foi a tônica da ciência europeia, como ilustra o emocionante filme *O Menino que Descobriu o Vento* (2019), em que a imposição dos costumes ocidentais não significou o desenvolvimento social a certas populações do Malawi. Necessário seria que os indivíduos de todas as comunidades, sejam grandes ou pequenas, pudessem encontrar as soluções de seus problemas observando a sua própria realidade. Seja a *Ciência dos Encantados* da Jurema na América ou tantas outras ciências que abundam o solo africano, são fundamentais para compreender a solução cabível de nossas desventuras sociais. Quando houver a liberdade para acessarmos as ferramentas adequadas, poderemos raciocinar possibilidades autônomas para transformar nossas sociedades e iniciar, enfim, a verdadeira revolução científica, quando surgir as condições efetivas para a democratização do exercício científico. 



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANNAUD, Jean-Jacques (Direção). **O nome da rosa**. França: Constantin Film, 1986. 1 filme (130 min).

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BUNGE, Mario. **Epistemologia**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1980.

CHAGAS FILHO, Carlos. **Cultura e ciência**. Rio de Janeiro: Fundação Universitária José Bonifácio, 1989.

COELHO, João Borges. **O olho de Hertzog**. Alfragide: Leya, 2010.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Publicado originalmente em 1992.

DA VINCI, Leonardo. **A última ceia**, 1498. Pintura.

DA VINCI, Leonardo. **Gioconda (Mona Lisa)**, 1503. Pintura.

DA VINCI, Leonardo. **Homem vitruviano**, 1490. Desenho.

EJIOFOR, Chiwetel (Direção). **O menino que descobriu o vento**. Reino Unido: Netflix, 2019. 1 filme (113 min).

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Edições 70, 1991.

GEDEÃO, António. **Lágrima de preta**. In: GEDEÃO, António. **Movimento perpétuo**. Lisboa: Edições Ática, 1956.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

JOFFÉ, Roland (Direção). **A missão**. Reino Unido: Warner Bros., 1986. Filme (125 min).

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1967.



Revista Epistemologia  
ISSN-2526-4761

MOISÉS. *Gênesis*. In: **Sagrada Escritura**. Tradução de Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

MORUS, Thomas. **Utopia**. Tradução de Cláudio Giordano. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Publicado originalmente em 1516.

NOA, Francisco. **Além do túnel: ensaios e travessias**. Maputo: Kapicua, 2020.

PLATÃO. **A república: livros VI e VII**. São Paulo: Lafonte, 2021. Publicado originalmente em 379 a.C.

POPPER, Karl. **A miséria do historicismo**. Zaragoza: Titivillus, 2015. (Versão digital).

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. Publicado originalmente em 1982.

VERNE, Júlio. **Viagem ao centro da Terra**. São Paulo: FTD, 2013. Publicado originalmente em 1864.

VERNE, Júlio. **Volta ao mundo em 80 dias**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. Publicado originalmente em 1873.

VIEIRA, António. **Sermão de Santo António aos peixes**. [S. l.]: Project Gutenberg, 2007. E-book n. 24073. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/24073>

VOLTAIRE. **Cândido ou o otimismo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998. Publicado originalmente em 1759.